

HIERARQUIA VAIADA

Promessas não cumpridas e nomeação de comandante-geral sem liderança levam corporação a fazer manifestações públicas contra o governador. Acampamento de hoje é outro ato de rebeldia

José Varella



RORIZ E O COMANDANTE DA PM, RUY SAMPAIO, EM VISITA À PAPUDA: MANIFESTAÇÕES ABERTAS DE DESAGRADO COMO VAIAS E PANFLETOS DE PROTESTO

# Polícia afronta Roriz

Ana Helena Paixão  
Luís Osvaldo Grossmann  
Da equipe do **Correio**

**A** insatisfação silenciosa acabou. Policiais militares prepararam para quarta-feira uma manifestação em frente à sede provisória do Palácio do Buriti, na Asa Norte. O objetivo é reunir mais de duas mil pessoas para cobrar promessas feitas pelo governador em uma *Carta Compromisso de Joaquim Roriz aos Policiais Militares*, quando ainda em campanha. Ontem, começou a circular na PM um panfleto que pede cumprimento de promessas feitas pelo governador e, mais, a saída do comandante-geral da corporação, coronel Ruy Sampaio, que enfrenta oposição interna desde antes de sua nomeação.

Estas não são as únicas manifestações de descontentamento. O próprio governador já sentiu de perto a revolta dos policiais. Na última sexta-feira, durante a formatura de 1,2 mil novos PMs no Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças (CFAP), Roriz foi vaiado por parte dos 6 mil convidados. Três vezes. A primeira assim que chegou. A segunda durante discurso do deputado distrital João de Deus, e finalmente quando deixava a festa.

O GDF diminui a importância do fato. "Havia um enorme público civil. As vaias foram de grupos políticos, não de policiais. Não houve quebra de hierarquia", afirma o secretário de Comunicação, Weligton Moraes. Segundo ele, o governo está cumprindo as promessas de pagar a GAM (Gratificação por Atividade Militar) e a entrega de lotes para os policiais. "O clima entre a PM e o GDF é tranquilo", conclui.

Nem tanto. Uma das mais recentes insatisfações dos policiais militares é com a mudança na escala de trabalho, de 12h de serviço por 60h de folga, agora para 8h por 40h, o que aumentou a insatisfação contra Sampaio. "Isso significa que não teremos mais vida social nem momentos com a família. O PM sempre estará trabalhando ou no sábado ou no domingo", calcula o cabo Sidney da Silva Patrício, diretor-presi-

dente da Associação dos Policiais e Bombeiros Militares do DF (Aspol), com 3 mil filiados.

Segundo ele, desde o anúncio da mudança, há um mês, o número de ocorrências atendidas pelos PMs diminuiu em 30% — o que significa que o policial vai até o local da ocorrência mas não age. "Somos proibidos de parar nosso trabalho. Mas está acontecendo uma operação padrão, que vai se intensificar amanhã (hoje) quando a nova escala começar a vigorar", anuncia o policial. "Se continuarem nos discriminando, pode até haver greve. Também não adianta lançar um novo programa de Segurança porque com a tropa insatisfeita ele vai fracassar, assim como aconteceu com o Segurança sem Tolerância".

## "CORPORAÇÃO REVOLTADA"

**O** presidente da Aspol, cabo Patrício, acusa o GDF de discriminar a Polícia Militar. "O governo paga quase R\$ 600 de GOE (Gratificação por Operação Especial) a um policial civil e se recusa a pagar R\$ 172 de adicional risco de vida a um PM. A corporação está revoltada com isso", informa. De acordo com ele, a corporação também não "engole" o parcelamento da Gratificação por Atividade Militar (GAM).

"A União liberou R\$ 12 milhões. Recursos suficientes para pagar seis parcelas de uma vez. Só pagaram três", ressalta Patrício. O chefe de gabinete do GDF, Valério Campos, garante que o GDF gastou toda a verba liberada no pagamento da gratificação. "Eles esquecem que já tínhamos adiantado o pagamento. Cobrimos o rombo e pagamos mais três parcelas", comenta. O Sistema de Administração Financeiro (Siafi) do governo federal mostra que ontem houve novo depósito da União para o pagamento da GAM. Desta vez, de R\$ 5 milhões. "Isso será suficiente para fazermos mais dois pagamentos neste mês", conclui Valério.

A Aspol ainda não sabe se vai participar da manifestação de amanhã, por temer represálias contra os policiais, embora apóie a manifestação. Já o presidente

**"NÃO ADIANTA LANÇAR UM NOVO PROGRAMA DE SEGURANÇA PORQUE COM A TROPA INSATISFEITA ELE VAI FRACASSAR"**

## SIDNEY DA SILVA PATRÍCIO,

*diretor-presidente da Associação dos Policiais e Bombeiros Militares do DF*

do Sindicato da Força Policial e ex-cabo PM, Aires Costa, é taxativo: "Ficaremos acampados até as promessas serem cumpridas". Que ninguém duvide. Aires — que foi afastado da corporação — é famoso por protagonizar manifestações curiosas. Ele já se alçou ao mastro da bandeira, em frente ao Palácio do Planalto, foi com uma faixa pedindo melhores salários para a PM durante o desfile de 7 de setembro, em 1996, e parou a solenidade de posse do coronel Ruy Sampaio ao desfilar com um cartaz que acusava o novo Comandante da PM de não ter condições éticas para chefiar a

corporação. Hoje, a partir das 8h, vinte policiais do sindicato começam a montar acampamento em frente à sede provisória do governo, na 516 Norte.

O diretor da União Brasileira das Entidades Representativas dos Subtenentes e Sargentos da Polícia e do Corpo de Bombeiros Militar (Ubsusa), subtenente Pedro Rodrigues de Carvalho, considera a manifestação de amanhã precipitada, embora já tenha cobrado as promessas do governador (sem receber resposta). Já a Associação dos Praças (Aspra) prefere manter-se longe desta discussão. "Não vamos à manifestação. Daremos apoio à distância", diz o diretor jurídico da entidade, Elvino José Meireles. Detalhe: a Aspra é presidida pelo deputado distrital (e aliado do governador) João de Deus (PDT).

O principal líder da oposição, ex-governador Cristóvam Buarque, classificou as vaias contra Roriz como uma manifestação sem precedentes em uma corporação onde a hierarquia é sagrada. "Só vi isso acontecer uma vez. Foi o começo da greve geral da PM em todo o país, há três anos. Governador vaiado pela polícia é o mesmo que o presidente ser vaiado pelo exército. É uma quebra muito grande de hierarquia", diz o ex-governador Cristóvam Buarque, que em suas visitas aos quartéis evitava discursos e promessas e proibia a manifestação de deputados. Era uma forma de evitar constrangimentos inesperados.